

## ENSAIO SOBRE O (ANTI)“NATAL” DE JOSÉ SARAMAGO

### ESSAY ABOUT THE (ANTI)“NATAL” BY JOSÉ SARAMAGO

*Marcelo Pacheco Soares<sup>1\*</sup>*

#### RESUMO

Discute-se a relação pessoal do escritor José Saramago com a festa cristã do Natal. Demonstra-se que a literatura dos 1900 aborda a ocasião muitas vezes subvertendo sua tradicional mensagem positiva, cunhada sobretudo no século anterior. Verifica-se que as aparições da data na produção saramaguiana seguem esse viés que lhe é contemporâneo e, por fim, alcança-se um texto intitulado “Natal”, conto de enredo que a princípio escapa ao tema anunciado em seu título, produzido por um ainda jovem Saramago (certamente no fim da década de 1940) e cuja leitura é o objetivo final deste ensaio.

**Palavras-chave:** José Saramago; Natal; conto; Realismo.

#### ABSTRACT

The personal relationship of the writer José Saramago with the Christmas is discussed. It is demonstrated that 1900s literature deals with the occasion, often subverting its positive message, established mainly in the previous century. It appears that the appearances of the date in the Saramaguian production follow this bias and finally we reached a text entitled “Natal”, short story that at first escapes the theme announced in its title, produced by a still young Saramago (certainly in the late 1940s), whose reading comprehension is the final objective of this essay.

**Keywords:** José Saramago; Christmas; short story; Realism.

---

<sup>1</sup> \* Doutor (2012) e Mestre (2007) em Literatura Portuguesa pela UFRJ, com Pós-Doutorado em Estudos Literários pela UFF (2015-2016); é Professor efetivo do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) desde 2008. Conduz pesquisa sobretudo acerca de Literatura Fantástica e de contos portugueses dos séculos XX e XXI, com destaque para autores como José Saramago e Jorge de Sena. Sobre Saramago, publicou artigos especialmente a respeito das obras *Objecto quase* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*.



## Advento

No documentário de longametragem *José e Pilar*, dirigido por Miguel Gonçalves Mendes e lançado em 2010 (muito próximo, portanto, ao falecimento de José Saramago), em que se acompanha a rotina de poucos anos antes do escritor e Pilar del Río – sua incansável e dedicada companheira até àqueles tempos de fim de vida – destacamos um episódio pertinente à discussão que iremos aqui introduzir. Pela altura aproximada do minuto 40 ou 41 da película, registra-se o momento em que, no México (lugar com que sempre manteve ligações muito estreitas), em entrevista para uma emissora de televisão do país, é solicitado ao autor que grave uma mensagem de festas de fim de ano aos telespectadores. Talvez desconcertado (no limite do desconcerto que seria possível provocar em Saramago), ele invoca Pilar, perguntando o que dizer. Fora do enquadramento, ouvimos sua feminina voz sugerir, com certo pragmatismo que afinal a situação exigia, *banalidades da ocasião* ou *falas de circunstância* ou *lugares-comuns da época natalícia* (como veremos, em texto a ser citado logo à frente, o próprio Saramago definir mensagens dessa natureza), isto é, alguma sentença corrente como, por exemplo, *todos os dias deveriam ser Natal* – ao que o escritor retruca, com um mau humor provocativo que se traduz em talvez inadvertida graça e uma retribuição com folgas do desconforto a que estivera submetido: “Mas tenho ódio ao Natal. Como posso dizer isso?”

Não se trata, é claro, de encarar o premiado autor como uma espécie de Grinch<sup>2</sup> e essa sua assertiva deve ser compreendida de modo contextual, a partir da fundamentação ideológica que a rege. Uma crônica publicada em jornal por volta de 1970 pode trazer alguma elucidação. Em “Natalmente crônica”, recolhida depois no volume *A bagagem do viajante*, o autor garante não desejar que *se agravem as amarguras do leitor* – o qual *também teria vida dura e difícil* – pedindo por isso até retóricas escusas, o que o afasta da personagem de Seuss que deseja destruir o Natal de todos. Reconhecendo assim que a *acidez* de suas palavras confessadamente desprovidas de *bons humores* corroeria o clima festivo geral (*não creio que escapasse uma flor a tanta segura*, diz), Saramago vincula sua má disposição com uma das datas mais caras ao cristianismo à sua condição de *incrêu empedernido* – ao seu ateísmo declarado, portanto. O dado, contudo, embora factual, não se basta e serve apenas como alegação inicial: no curto espaço a que dedica sua contraposição ao Natal, ele destaca ainda a força manipulativa das instituições eclesiais (tratar-se-ia apenas de *uma das trezentas mil datas assinaladas de que se servem inteligentemente as religiões para aferventar crenças que no passar do tempo se tornariam letra morta e água chilra*) ou, de modo mais sutil, condena as diferenças entre classes sociais num capitalismo que também se regozija muito desse período sem alcançar na realidade a todos (*na enfiada de abraços há sempre os que apertam e os que são apertados; a confiança é, em muitos casos, a armadilha que a nós próprios armamos, e para ela é que os outros nos empurram, sorrindo*), críticas que terão origem nas suas convicções em valores comunistas. Citemos os parágrafos iniciais da crônica:

---

2 Referimo-nos à personagem que odeia o Natal criada pelo americano Theodor Seuss Geisel em 1957.

Vai o ano correndo manso entre noites e dias, entre nuvens e sol, e quando mal nos precatamos, chegámos ao fim, e é natal. Para incrêus empedernidos como eu sou, o caso não tem assim tanta importância: é mais uma das trezentas mil datas assinaladas de que se servem inteligentemente as religiões para aferventar crenças que no passar do tempo se tornariam letra morta e água chilra. Mas o natal (tal como as primeiras andorinhas, o carnaval, o começo das aulas, e outras efemérides do estilo) está sempre à coca da atenção ou da penúria do cronista, para que se repitam, pela bilionésima vez na história da imprensa, as banalidades da ocasião: a paz na terra, os homens de boa vontade, a família, o bolo-rei, a mensagem evangélica, o ramo de azevinho, o Menino Jesus nas palhinhas, etc., etc. E o cronista, que no fundo é um pobre diabo a quem às vezes falta o assunto, não resiste à conspiração sentimental da quadra, e bota a fala de circunstância.

Acontece porém que tenho fortes razões para não estar de bons humores, o que me permite esquivar-me desta vez, se alguma outra caí em tão ingénua fraqueza, ao jogo cúmplice do amplexo universal. De mais sei eu que na enfiada de abraços há sempre os que apertam e os que são apertados. De mais sei eu que a confiança é, em muitos casos, a armadilha que a nós próprios armamos, e para ela é que os outros nos empurram, sorrindo. Por isso, esta crónica de natal não vai passar do fala-falando que é a minha única voz possível quando haveria lugar para gritos. Mas o leitor também lá tem a sua vida, quem sabe se dura e difícil, e não há-de aceitar que eu lhe agrave as amarguras. Desculpe o desabafo.

Se a mim mesmo proíbo falar dos lugares-comuns da época natalícia, se igualmente me proíbo trazer para o terreiro a gaiola das fúrias pessoais, e mais ainda abrir-lhes a porta – que resta para a crónica? Um mundo de coisas, se eu estivesse em disposição de escolher uma, encontrar-lhe o jeito, surpreendê-la a olhar para outro lado e caçar-lhe o perfil secreto – que é, afinal, em que se resume a arte de escrever. Mas hoje, não. Tudo quanto dissesse teria um ressaibo ácido, não creio que escapasse uma flor a tanta secura. (SARAMAGO, 1986, p. 119-20)

Com esse seu olhar, Saramago, na verdade, não é exceção ao produzir artisticamente na contramão da *conspiração sentimental* exigida pela santa época. Dado que uma das recorrentes funções da Literatura (como, aliás, da Arte em geral) é a de encarar a realidade sob prisma diferente do usual (inclusive o antes imposto por outras literaturas e artes) – e há às ordens, pois, *um mundo de coisas*, se houver *disposição de escolher uma, encontrar-lhe o jeito, surpreendê-la a olhar para outro lado e caçar-lhe o perfil secreto* – oferecem-se com frequência textos sobre o Natal que *se esquivam do jogo cúmplice do amplexo universal*, sobretudo a partir do século XX. Nem tudo, afinal, na literatura natalina é Charles Dickens, cujas produções oitocentistas parecem inaugurar uma tradição de narrativas baseadas na transformação positiva dos males sociais e dos valores materialistas dos homens fomentada pelo evento anual, que se traduz em solidariedade das classes médias e ricas em relação aos pobres<sup>3</sup> – e nem tudo o é porque essa

---

3 Quanto a isso, adverte-nos Maria Luísa Leal de Faria: “Tornou-se hábito dizer que o Natal inglês foi inventado por Charles Dickens. É certo que Dickens contribuiu decisivamente para instalar as celebrações do Natal no imaginário colectivo inglês com os contornos que, ainda hoje, existem. Mas importa não esquecer que o Natal já era, havia séculos, tempo de celebração, e que já nas primeiras décadas do século XIX as festas de Natal tinham começado a ser objecto de representação na pintura, e de reflexão na componente da tradição. Várias publicações reúnem os usos, os costumes, as tradições de celebração, e começam a fixar rituais que importa não esquecer numa época de instabilidade e mudança, como era sentido o século XIX, sobretudo nas primeiras décadas.” (FARIA, 2013, p. 92) A autora reconhece, todavia, logo à frente: “O papel de Dickens não pode ser minimizado.” (FARIA, 2013, p. 93) – a partir do que analisa a sua pertinência na consolidação de toda a esfera simbólica que cerca o período desde meados dos 1800.

específica produção dickensiana, com o tempo, ganhará contraposições diversas, em movimento mais comum, conforme dizíamos, no século que lhe é subsequente.

Citar exemplos será sem dúvida um processo aleatório, mas destacaríamos primeiro, para evitar que se diga que deixamos de os apontar, os “anti-natais” – assim os batizou Eugénio Lisboa – de Jorge de Sena. A data revela-se profícua à poética seniana, que produz sobre ela não apenas contos (“O urso, a pantufa, o quadro, e o coronel”<sup>4</sup>, “A noite que fora de Natal” e “Razão de o Pai Natal ter barbas brancas” podem ser encontrados em suas *Antigas e novas andanças do Demónio*) mas especialmente poemas. Ao aproveitar a passagem festiva para desvelar os desvalidos (os famintos, os abandonados por Deus, os que sofrem e morrem na II Guerra ou nas Guerras Coloniais ou são calados pelo Estado Novo português – contextos da maioria dessas composições), o poeta encara com desesperança e melancolia o evento que parece servir de anestésico ao impedir a sociedade de encarar os males do mundo. Daí que, em um dos seus trabalhos mais pungentes, “Natal”, de 1943, descreva os horrores da Guerra e, contrapondo os festejos pelo afamado nascimento de há dois mil anos, traz em seu dístico final o infanticídio em massa causado pelos conflitos bélicos: “Crianças se sumiram no incêndio... / Que rósea aurora as ressuscitará?” (SENA, 1988, p. 140) – pergunta provocadora que ele retomará ao fim do poema “Sobre uma antologia lírica do Natal - 1969”, a que se seguirá a constatação: “(há já vinte anos perguntei – não digam).” (SENA, 1978, p. 111) Ofuscar o nascimento de Jesus com uma legião de crianças mortas não é muito distinto do destaque que Saramago dá ao massacre imposto por Herodes e que, n’*O Evangelho segundo Jesus Cristo*, tomará de culpa José e, por fantástica herança, seu filho (mas sobre esse romance trataremos logo, ainda que aqui breve sejamos).

Haverá antes outros exemplos a serem encontrados na própria literatura portuguesa do século XX. Lembremos, ainda de modo disperso e sem critérios que não a própria memória afetiva, “Noite de Natal”, da coletânea de estreia de Maria Judite de Carvalho *Tanta gente, Mariana* de 1959 (conto, é digno de nota, adaptado para a televisão pela RTP em 1977), em que a inesperada comunhão das afastadas personagens de mãe e filha, motivo que se confundiria com a tradição ao mostrar a restauração de liames parentais muito típicos da época, na verdade advém, ao avesso de uma edificante narrativa familiar, do parricídio cometido pela segunda, que assassina o pai para defender a primeira das agressões do marido embriagado naquela noite, para elas, nada feliz – e o cada vez mais forte vínculo que entre elas se estabelece a partir

---

4 Esse primeiro título foi escrito sob encomenda da Editorial Estúdios Cor para ser brinde de Natal da editora aos seus leitores, na época aliás em que Saramago era seu Diretor Literário – e data daí o início da correspondência entre os dois autores, quando o futuro Nobel enviou poemas ao seu novo conhecimento com o fim de obter opinião e aconselhamento, troca de missivas pesquisada por Gilda Santos em “Espreitando uma correspondência inédita: Jorge de Sena/José Saramago” (2011). Uma vez negado esse texto primeiro por não se adequar ao propósito comercial, Sena escreveu o título seguinte “A noite que fora de Natal”. Especificamente sobre “O Urso, a Pantufa, o Quadro, e o Coronel”, ver nossa leitura em “O Natal, a alquimia, o tempo, e o espírito. Um (neo)fantástico conto de Jorge de Sena” (SOARES, 2020).

de então estará mantido até a tragédia final. Num fluxo natural advindo da menção à Maria Judite, alcançamos também seu companheiro Urbano Tavares Rodrigues, cujo derradeiro livro de contos publicado em 2008, *A última colina*, abriga vários que trazem o Natal como tema (da história do taxista que matou atropelada uma menina a do devaneio de presos políticos da ditadura fascista que improvisam a ceia de Natal em cela), incluindo aquele em que se narra, nos festejos de Natal, não o nascimento mas a morte de Jesus e não o menino-deus mas “Lenine de Jesus Bexiga dos Santos, (...) seu nome completo e contraditório” (RODRIGUES, 2008, p. s/p), um reformado lisboeta prestes a sucumbir a avançado cancro e em cuja agonia ainda há espaço para os conflitos internos entre o engajamento ateu socialista e o conforto religioso que uma “publicidade hipócrita, mas venturosa” (RODRIGUES, 2008, p. s/p) é capaz de fornecer. Voltando ainda a 1960, deparamo-nos com um literal “Conto de Natal” publicado no jornal *A Rebeca* de 22 de dezembro, que seu autor, José Régio, recolheria dois anos adiante em *Há mais mundos* – no entanto, longe da tradição natalina, a narrativa desenvolve-se ao redor de uma tétrica criatura entre o humano e o animal, tudo indica que inofensiva, mas a qual acaba por espelhar a própria humanidade, ou tudo aquilo que os homens não queriam admitir ser, e por isso mesmo é vitimada pelo ódio de todos eles: sua conclusão novamente substitui o nascimento do Cristo por uma trágica morte.<sup>5</sup> Mas nada será tão explícito como o também “Conto de Natal” de Fialho de Almeida, publicado ainda em 1893 em *O país das uvas*: a duríssima narrativa lega ao pobre recém-nascido um impiedoso assassinato que talvez só não fosse mais brutal do que a própria vida que teria se não o sofresse. Concluímos assim que não é casual o autoexplicativo título da melancólica crônica que, do seu solitário exílio em New York e da sua *flânerie* perdida por uma cidade que lhe é indiferente e cujos habitantes o narrador especula *invejar* ou *detestar* ou *desprezar* (sentimentos que o afastam dos tradicionais natalinos)<sup>6</sup>, José Rodrigues Miguéis (que também acumula textos sobre essa época do ano) escreve e faz publicar no dia 24 de dezembro de 1966 no *Diário de Lisboa*: “O conto alegre de Natal que não escrevi” – e, como aqui constatamos, muitos também não serão capazes de o escrever. Tudo isso para não mencionarmos (ao menos por enquanto) a expressionista narrativa de 1903 “Natal dos pobres”, em que prostitutas descrevem durante uma paupérrima consoada vários abandonos e mortes de crianças (seja as suas, seja elas próprias) – não é propriamente um conto mas um capítulo do livro *Os pobres*, de Raul Brandão, escritor tão admirado por José Saramago (mas guardemos esse texto para um pouco mais tarde).

Ampliando o escopo para além das fronteiras do país mas nos mantendo na esfera da lusofonia, com o cuidado de não nos alongarmos muito (certamente já o fazemos) e não

---

5 Segundo Duarte Faria: “O título do conto insinua um maravilhoso de índole lírica e religiosa com uma longa tradição de miraculoso. Há, porém, uma certa heterodoxia em J. Régio relativamente aos estereótipos natalescos, pendendo antes para uma versão personalista segundo a habitual predisposição para o fantástico.” (FARIA, 1977, p. 54)

6 “Nunca me sinto tão mínimo e estranho, tão efêmero e tão fraco, tão pobre e privado de tudo (eu, que com tão pouco me contento) como no seio destas multidões festivas.” (MIGUÉIS, 1966, p. 3) A narrativa será recolhida mais tarde no volume póstumo de 1982 *Os pass(ç)os confusos*.

escaparmos do propósito desse ensaio (esse limite ainda não ultrapassamos), vale referir que o conto "Natal na barca" de Lygia Fagundes Telles tem aspecto semelhantemente lúgubre ao, uma vez mais, substituir o imaginário do recém-nascido Menino Jesus da manjedoura por uma criança doente que aparenta estar morta, enrolada pela manta que a miserável mãe usa para a abrigar, ainda duvidosa morte a espelhar a já consolidada do irmão mais velho que a mulher mencionará – no fim, nem mesmo a sugestão de milagre natalino (que disso não passa: mera sugestão) modifica aquela dura realidade e em nada atenua a dolorosa sina da infeliz personagem com que a narradora conversara. Da mesma autora, também encontramos o não menos triste "Dezembro no bairro", que novamente culmina em uma criança (aqui efetivamente) morta a contrastar com o nascimento ilustre que se comemora por esses dias. Poderíamos enveredar por títulos outros que seguem a desvirtuar a tradição do Natal, como a "Missa do Galo" que Machado de Assis, ainda nos estertores dos 1800, não nos narra, porque a casta cerimônia eclesiástica do título é comutada pela experiência algo religiosa de uma subreptícia experimentação carnal adúltera mais profana que sagrada e tão sutil quanto evidente; ou um mais recente título, "A noite em que prenderam o Pai Natal", de José Eduardo Agualusa, de 1999 (então também finissecular mas dez décadas à frente da de Machado), em que o destino do negro albino que havia alcançado junto aos colonizadores de Angola como guardador de piscina alguma estabilidade, destruída contudo pela independência e atropelada pela Guerra Civil, será, no auge da sua exclusão numa sociedade a que ainda muito custa superar as consequências de tais conflitos, o emprego de Papai Noel – e nem um milagre final, uma vez que irônica paródia do evento miraculoso que cerca a lenda da portuguesa Rainha Santa Isabel, é capaz de, em sua artificialidade explícita, verdadeiramente impor beleza que depusesse a ironia da narrativa.

E interrompamos já esse eterno desfiar de contos porque, dizíamos, não temos a pretensão de construir inventário algum, mas apenas citar obras aleatórias e demonstrar que Saramago não está só em sua empreitada *anti-natalícia* (derivando a feliz expressão de Eugénio Lisboa). Importa destacar que as mencionadas peças – que superam as *banalidades da ocasião*, as *falas de circunstância*, os *lugares-comuns da época natalícia*, o *jogo cúmplice do amplexo universal* – colocam em evidência, em maior ou menor grau, carências materiais e sociais, a contrastarem com o sofisticado apelo consumista que a atmosfera da data costuma guardar e a tornarem protagonistas personagens excluídas dos meios cujo ingresso apenas o capital pode de fato prover. Isso é o mesmo que observaremos em Saramago quando o autor enveredar por tais caminhos.

## Vésperas

Assim é que o autor de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* também produzirá textos com esse cariz. E, se de novo citamos, no epíteto que elegemos para sujeito sintático no período anterior, o romance em questão, será porque nele Saramago fornece precisamente uma narração alternativa sua ao evento de que trata a efeméride natalina. O nascimento da personagem Jesus

sob a pena saramaguiana, porém, não guarda a aura excepcional e mágica que um presépio vivo tradicional orientaria nas narrativas ocidentais, pelo contrário, destacando todo o tempo o seu aspecto ordinário e dando conta do seu caráter terrenal e da humanização que, aliás, a narrativa objetiva alcançar na sua formação: “O filho de José e de Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio. Chorou porque o fizeram chorar, e chorará por esse mesmo e único motivo.” (SARAMAGO, 2002, 83) – e fiquemos com esse trecho, para nos atermos a uma passagem de destaque. Nesse romance, a única testemunha do nascimento de Jesus que decerto ultrapassa a existência mundana será não Deus (esse, quando muito, já estivera presente na concepção, e isso bastou) mas a do Diabo<sup>7</sup>, o terceiro pastor que lhe faz a oferta que concretiza uma máxima popular: “Com estas minhas mãos amassei este pão que te trago, com o fogo que só dentro da terra há o cozi” (SARAMAGO, 2002, 84). *Comer o pão que o diabo amassou* é o destino humano de um Jesus que *chorará porque o farão chorar*, a mesma sina das figuras todas que circulam pelos textos anti-natalinos que aqui se analisam.

Mas o perturbador conto fantástico “Embargo”<sup>8</sup>, publicado originalmente como brinde de fim de ano da Estúdios Cor tal qual o citado trabalho de Sena e compilado no fim dos anos de 1970 no volume *Objecto quase*, é que será talvez a mais relevante das narrativas sobre o Natal saramaguianas, não apenas porque se passa na época das suas festividades (a qual lhe serve de pano de fundo), mas sobretudo em razão de demonstrar, justamente nessa data em que culminam os valores religiosos e capitalistas (numa comunhão que rege a sociedade dos últimos dois séculos, pelo menos), um momento seu de fracasso, em que a mais-valia que reduz o ser humano à sua reificação não é mais capaz de dar conta de necessidades básicas de alimentação – e (tanto pior) não a sua alimentação física mas, metonimicamente, a do objeto automóvel – porque se trata então do fato de o monopólio do mundo árabe sobre os combustíveis provocar a escassez do produto na Europa, não apenas a impedir a sua distribuição plena como a tornar impraticável os preços que da estratégia advirá. No âmbito da narrativa, seu resultado é essa reificação do homem que torna sua existência humana impossível. E novamente aqui o tempo da comemoração de um nascimento testemunha a tragicidade de uma morte.

A forma cética como o Natal é nesse conto retratado encontra par em específicos versos da coletânea de 1966 *Os poemas possíveis*, obra em que o autor traz a público sua poesia produzida até os quarenta anos de idade:

---

7 Sobre a personagem Pastor, ver nossas análises em “Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*: o Pastor de ovelhas negras” (SOARES, 2005), “‘Também se aprende com o diabo’ - análise do personagem Pastor em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago” (SOARES, 2019) e “O Pastor peregrino: um andante diabólico pelos romances de José Saramago” (SOARES, 2020).

8 Sobre “Embargo”, verificar nossa leitura em “O monstro embargado: metamorfose kafkiana em um conto de José Saramago” (SOARES, 2016).

## Natal

Nem aqui, nem agora. Vã promessa  
Doutro calor e nova descoberta  
Se desfaz sob a hora que anoitece.  
Brilham lumes no céu? Sempre brilharam.  
Dessa velha ilusão desenganemos:  
É dia de Natal. Nada acontece.  
(SARAMAGO, 1998, 88)

Observemos que destituir o Natal de sua atmosfera miraculosa (dickensiana, diríamos outra vez) é procedimento equivalente ao de, no romance antes citado, esvaziar a cena do nascimento de Jesus de sua semântica transcendental. Demonstra um ponto de vista des-encantado acerca da data, resgatando-a, para a esfera dos dias ordinários, das ilusões da *mensagem evangélica*. É precisamente isso o que permite que se possa fazer uso da passagem natalícia para jogar luz sobre aqueles temas cotidianos que, esquecidos durante todo o ano, pretende-se talvez esconder ainda mais no período, o que torna essas festas momento estrategicamente propício para as representações artísticas e literárias, na contramão da expectativa geral, destacarem a miséria humana, a pobreza material, as mazelas sociais, as violências familiares, as tragédias cotidianas todas.

Dois textos do autor podem ser, nesse sentido, citados, antes de alcançarmos o real objetivo desse ensaio. Menos conhecidos de um grande público, circulam em meios diversos, sobretudo os virtuais, sob a alcunha de *O conto de Natal de Saramago*, unidos que foram por ele mesmo para publicação em uma revista espanhola em 1995 – segundo revela o autor na própria versão fundida das breves narrativas ali um pouco modificadas – e a ser encontrada também na coletânea *Gloria in excelsis: histórias portuguesas de Natal*, que Vasco Graça Moura organizou em 2003. Separadas, saíram originalmente no jornal *A Capital* no fim da década de 1960 e constam do volume *Deste mundo e do outro*, de 1971. Trata-se de “Um natal há cem anos” e “A neve preta”. Em ambos, as personagens crianças são, na época natalina, tomadas por tristezas muito particulares e genuínas.

Na primeira crônica, temos a seguinte descrição inicial do cenário: “A terra está esmagada de negrume. Não chove, as tempestades andam longe: o ar parado é denso de frio e parece estalar como uma rede ténue de cristais suspensos. Há uma casa e luz dentro dela. E gente: a Família.” (SARAMAGO, 1997, p. 15) Voltemos a atenção ao espaço isolado de lume que é essa residência, cercado por uma escuridão, por uma paralisia espaço-temporal que deixa todo o resto em suspensão: este contorno é o mundo não conhecido pelo menino, ponto de vista que o narrador acompanha, a envolver o seu espaço familiar, aquele com que se identificou até então, nos seus poucos anos de vida, o qual seus olhos podem ver sob a luz (daí que certos vocábulos sejam grafados com letra maiúscula – *Família, Criança, Avô, Avó, Pais, Tios, Primos* – já que o aspecto comum desses substantivos não faz sentido para a criança que afinal distingue com



esses termos apenas os seus). É a sua não inclusão efetiva nesse círculo que fere a criança, desde o momento em que o Avô não o deixa ajudar a acender os fogos de artifício – porque “é preciso cuidado com as crianças” (SARAMAGO, 1997, p. 16), e não esqueçamos essa frase – até o momento de maior conflito interno do menino, que não consegue participar do colóquio dos comensais durante a ceia natalina:

Tem também uma história para contar, e vai contá-la. Só está à espera de uma pausa, de uma ocasião em que todos se calem, para ajustar a sua pequena e trémula voz, porque a história é importante, muito mais do que a Família julgaria. Então, o momento aproxima-se, a Criança prepara-se, é agora – começa a falar. A Família olha, espantada, dá a atenção que pode, mas não dura muito, não pode durar, e alguém corta a narrativa com uma frase que faz rir toda a gente. Uma frase que vai fazer chorar a Criança. (SARAMAGO, 1997, p. 16-7)

A reação é o seu voluntário apartamento, um afã de alastrar fronteiras em busca de amparo que o seu próprio círculo lhe nega ao não compreender o anseio do menino, por isso “abre a porta, separa-se da Família e desce os três degraus que coduzem ao mundo” (SARAMAGO, 1997, p. 17). Mas o muro caiado é limite entre a casa iluminada e um *mundo estranho de terras desconhecidas, de céu alto e profundo feito de veludo negro, estrelas duras, nítidas, implacáveis, quase ferozes, árvores negras, vagamente assustadoras com o ar confidencial de quem conhece os segredos todos*. Baixo, o muro não é intrasponível por si mesmo, mas em razão do que se oferece, para além dele, de ameaçador ao juvenzinho que pode desejar, mas ainda não possui a maturidade de o ultrapassar. Resta ao menino apenas, debruçado sobre o muro, chorar.

A segunda crônica guarda com a primeira um vínculo, o qual se verifica numa oração que antes citamos (e para a qual há pouco pleiteamos lembrança) na justificativa do Avô para não permitir o manejo do foguete pelo menino; pois eis que a sentença por três vezes, duas das quais acrescida de um advérbio a lhe intensificar, repete-se em “A neve preta”: *é preciso (muito) cuidado com as crianças*. Difere-se, todavia, das precauções do adulto da narrativa anterior, como o próprio cronista agora explica: “é preciso cuidado com as crianças. Não o cuidado comum, que tende a prevenir acidentes, aqueles que aparecem sob esta rubrica nas notícias dos jornais, mas um outro cuidado, mais melindroso e subtil.” (SARAMAGO, 1997, 204). O texto, que Saramago teve a curiosa iniciativa de publicar no jornal em julho (e quiçá por isso mesmo não se devesse o ler como *conto de natal* mas enquanto a reflexão universalista que pretende ser), descreve a história de um rapazinho (ou uma menininha, na versão de 1995) cujo desenho natalino realizado como tarefa escolar recebe da professora o questionamento acerca de sua opção por pintar a neve de preto, numa intolerância à subversão do mundo mimético e objetivo do adulto pela arte infantil. O inquérito *descuidado* (reforcemos com o adjetivo o apelo saramaguiano pelo *cuidado com as crianças*) conduzido pela docente ocorre na presença de outros alunos, a provocar “cruéis risos e murmúrios de rigor” (SARAMAGO, 1997, p. 205), tudo desarmado pela justificativa da inocente personagem: “Fiz a neve preta porque foi nesse natal que a minha mãe morreu.” (SARAMAGO, 1997, p. 205)

Seja pela sensação de não se estar inserido no seio do seu lar, seja pela impossibilidade de o fazer em razão da irreversibilidade da morte materna, as narrativas ambas conferem circunstâncias que se dão no reverso da congregação familiar das histórias natalinas e reforçam, não obstante a singeleza com que aborda esse universo infantil, uma postura saramaguiana guiada, quanto à data, pela oportunidade de expor duras realidades, negando, como se registra no poema citado "Natal", a *vã promessa* e a *velha ilusão* de uma noite que, por milagre, desfizesse as tristezas e desgraças do mundo.

## Apódosis

De tais produções, interessa-nos aqui de modo mais específico o menos conhecido conto "Natal", escrito ainda por um jovem Saramago, acredita-se que no fim da década de 1940, quando contaria pois com menos de trinta anos de idade, de modo que o vir a resgatar é ao mesmo tempo buscar, com o perdão de um jogo de palavras talvez infame, o próprio natal de Saramago, não o nascimento da pessoa física que se dá em 1922, mas o do autor que começa a produzir mais ou menos nessa citada faixa etária, o que nos coloca, assim, diante de uma de suas mais antigas criações. O exaustivo trabalho de pesquisa de Fernando Gómez Aguilera no espólio do autor (dentre outras fontes), realizado aquando dos preparativos da exposição *José Saramago. A consistência dos sonhos* e que resultou na publicação de uma *cronobiografia*, recupera desse tempo em anotações do próprio escritor muitos títulos produzidos nessa época, alguns cujo conteúdo jamais conheceremos e outros que podem ser garimpados em arquivos de jornais e revistas ou lidos a partir de alguns originais – os já disponíveis, contudo, ainda pouco (para não dizer "nada") foram visitados pela crítica.

Desde fins dos anos 40 e durante a primeira metade dos anos 50 escreve numerosos contos, alguns dos quais são publicados em revistas e jornais: *Seara Nova*, *Diário Popular*, *Magazine da Mulher*, *Vértice* e *Ver e Crer*. "Os Benditos Senhores", 9.12.1950; "Morte de Homem", enviado ao *Diário de Lisboa* em 28.12.1950; "Cheia", enviado à *Vértice* em 10.1.1951; "Sonegação de Espólio", 13.9.1951; "História de Crimes". 2.7.1951; "A Dívida Ainda Não Foi Paga"; "Ladrão de Milho"; "João Violão"; "O Sr. Cristo"; "Parábola"; "Natal"; "Encontro"; "O Mentiroso"; "Longa É a Estrada"; "A Eminente Dignidade"; "Doença Súbita e Mortal", 19.9.1951; "Teratologia", enviado à *Seara Nova*; "Bandeira Negra"; "Colecções"; "O Heroísmo Quotidiano", publicado na *Vértice*, n.º 119, em Julho de 1953; e "A História do Senhor Manuel Pedro".<sup>9</sup> (AGUILERA, 2008, p. 43)

Vale uma correção no verbo de que mais acima fizemos uso: sejamos francos, não estamos aqui a *resgatar* o conto "Natal", claro está – já isso fez o periódico *Colóquio/Letras*,

---

<sup>9</sup> É antes citada por Aguilera a publicação, em 1948, do conto "A morte de Julião", na revista *Ver e Crer*. Algumas imagens dos originais de poemas e narrativas do início da carreira de Saramago constam também no livro e, dessas, "Bandeira preta" pode ser lida na íntegra. Na hemeroteca da página eletrônica do Seminário Livre de História das Ideias, ligado à Universidade Nova de Lisboa, encontramos ainda, em sua publicação original, na Revista *Seara Nova* n.1158-59 de 18-25 de março de 1950, o conto intitulado "O Sr. Cristo", que está disponível em [ric.slhi.pt/Seara\\_Nova/visualizador/?id=09913.104.006&pag=9](http://ric.slhi.pt/Seara_Nova/visualizador/?id=09913.104.006&pag=9).

da Fundação Calouste Gulbenkian (fonte de onde o lemos), ao publicar a narrativa, em dossiê sobre o autor em janeiro de 1999, a partir da transcrição, empreendida por Maria Jorge, da versão original. Mas, ao que parece, não houve até agora interesse em investigação mais apurada dessa produção.

Ao texto... Num ambiente de subúrbio, fronteira entre a cidade e o campo, espaço extremamente pobre, silencioso de dia e cheio à noite ao receber de volta a classe trabalhadora (ou sobrevivente à falta de trabalho), moram num casebre (uma das muitas barracas de tábuas que ali se amontoam) uma mulher, seu pai que vive da mendicância e sua jovem filha. Na ausência desta, o avô e a mãe da menina conversam. O homem refere um vizinho, um estranho rapaz que oscila temporadas no local e que parece ora ter algum dinheiro ora não possuir nada nem para comer, o que leva à conclusão de que talvez viva de roubos. A moça ausente está grávida e o avô desconfia de que o pai seja o referido vizinho. A mulher, que fora também mãe sem um homem que lhe assumisse a criança, desdenha dessa conjectura. Diz, arrependida, já ter batido na filha sem obter resposta. Como a menina tardasse a chegar em casa, o velho sai para a esperar na beira da estrada. Mal iniciado o caminho, a sola do seu sapato arrebenta e ele se abaixa para consertar, quando, no sentido contrário, se aproxima e passa por ele, sem que os passageiros o vissem agachado no escuro, um automóvel, em que o homem reconhece, abraçados, a neta e o vizinho que conduzia o carro. Ele apressa-se então em retornar à casa para, ofegante, regozijar-se com a filha da razão que tinha na hipótese levantada sobre a identidade de quem engravidara a menina.

Não fosse o seu título e o texto não guardaria relação alguma mais evidente com a festa de zezembrina do Natal. Talvez não a tivesse mesmo porque, em sua ambigüidade possível, a palavra pode referir-se apenas a mais um nascimento iminente, a que afinal o enredo dá azo (e natais há de fato às centenas de milhares todos os dias no mundo). Mas a opção de assim batizar o conto tudo altera e encaminha a leitura dos signos ali presentes para essa ineseperada esfera, porque é sem dúvidas incontornável o significado imediato do vocábulo, tão potencialmente marcado no imaginário dos leitores, surgindo dessa maneira na cabeceira da narrativa sem nem ao menos a companhia de um artigo que lhe indefinisse. Assim, a expectativa causada pelo termo que inaugura o conto – tal qual a sua, nesse sentido, gradativa frustração – reforça o próprio efeito que se pretende. Dessa forma, reconhecemos aqui uma antecipada reiteração das teses sobre o período natalino que a produção saramaguiana levantará mais tarde: ora, se o Natal é na realidade uma data como qualquer outra (afinal, *o caso não tem assim tanta importância: é mais uma das trezentas mil datas assinaladas de que se servem inteligentemente as religiões para aferventar crenças*; e, além disso: *Brilham lumes no céu? Sempre brilharam. / Dessa velha ilusão desenganemos: / É dia de Natal. Nada acontece.*), sobretudo para os pobres em razão de a passagem ser também, na lógica comercial que dela há tempos se apropriou, reservada apenas aos que dispõem de algum capital mínimo, nada será mais pertinente do que, ao se referir a um espaço de imensas carências sócio-econômicas, descrever esse dia (aliás, essa

noite, precisamente conforme os contos tradicionais desse cariz) como se de outro momento qualquer se tratasse, destituindo-o de referências explícitas no corpo da narrativa que refletissem o título apresentado – isso porque, para os desvalidos, o Natal realmente não existe.

Uma observação mais atenta, porém, não tarda a constatar que os elementos das narrativas natalinas estão muitos ali, ainda que cifrados. Como dissemos, a cena passa-se em uma noite e, nela, há até uma ceia, uma típica consoada: “algumas batatas” e “um pedaço de bacalhau” (SARAMAGO, 1999, p. 108), como era cotidiano nas mesas mais pobres<sup>10</sup>, sem o bolo-rei, é verdade, mas acompanhada dos pedaços de pão duro com bolor trazidos pelo homem. Também as luzes natalinas parecem substituídas por iluminações dispersas, distantes as elétricas, próximas as trazidas pelo fogo (que não deixa de lembrar também um lume natalino): “Longe, nos últimos prédios, acendiam-se as janelas. (...) O céu escurecia. Sobre a cidade distante o halo luminoso da iluminação pública e dos reclames a *neón*. Sobre o subúrbio, o céu negro e profundo. As labaredas da fogueira faziam um círculo vermelho diante das barracas.” (SARAMAGO, 1999, p. 107) Por fim, os regulares sons dos sinos de Natal também aqui comparecem noutra figuração mais prosaica e distinta, mas sob uma mesma temporária execução:

Um rumor que mal sobressaía do silêncio foi crescendo e rolando. Rolando e crescendo abafou o silêncio. Um silvo agudo cortou os ares como uma seta. O comboio passava. Lentamente, à medida que o rumor se afastava o silêncio regressou. Ainda outro silvo, mais distante. O comboio murmurava ao longe. Depois o silêncio. (SARAMAGO, 1999, p. 107)

Em suma: os elementos de uma cena natalina tradicional não estão apenas ausentes mas meticulosamente substituídos, numa transferência tão precisa que os evidencia nessa sua falta.

Sugerimos antes que ainda trataríamos de “Natal dos pobres”, escrito por Raul Brandão, e esse é o momento oportuno. A pequena narrativa do jovem Saramago guarda alguma semelhança ética e estética com a de Brandão, cuja leitura postergamos. Admirador do autor, segundo Aguilera, desde 1941 – “impressiona-o, em especial, *Húmus*, que o influenciará acima de todas as outras leituras” (AGUILERA, 2008, p. 31), e de fato a obra cedo surge inclusive como epígrafe no romance *Claraboia*, publicado postumamente mas, como se sabe, escrito no início dos anos 1950 – Saramago inicia o seu “Natal” promovendo uma descrição que é familiar às opções brandianas. No texto do começo dos 1900, Brandão é minucioso ao resenhar a pobreza: as velhas com “suas mãos calosas, as caras enrugadas, onde as lágrimas abriram sulcos, os olhos

---

<sup>10</sup> Cabe anotar que o bacalhau em Portugal (e no mundo), sobretudo até o fim da II Guerra Mundial (evento que escasseou a oferta de alimentos na Europa e aumentou a procura desse gênero em específico por sua durabilidade), era um item barato e por isso típico da mesa das classes mais pobres. Aliás, por séculos, os mais abastados apenas comiam peixes quando os jejuns regidos pela Igreja se impunham, como no caso da ceia de Natal, em que somente se permitia o peru após a Missa do Galo. Justamente nesse caso, em que era mais difícil aos pobres obter peixe fresco porque os barcos não saíam à pesca na festiva data e os mais ricos traziam para si boa parte da oferta, o bacalhau, com sua técnica de conserva, passou a ser uma tradição na consoada, migrando apenas muito mais tarde das mesas humildes aos ricos banquetes. Sobre isso, trata a historiadora da arte especialista em alimentação Guida Cândido (2016).

tristes, contam o que elas têm passado na vida, dias sem pão, suor de aflições, desamparos, maus tratos" (BRANDÃO, 2001, p. 198); os "pobres que não têm lenha, a arrancar uma raiz esquecida, para se aquecerem" (BRANDÃO, 2001, p. 198-9); os "velhos, que têm atrás de si uma vida de martírio e fome" (BRANDÃO, 2001, p. 199) e "sustentam filhos, sustentam netos" (BRANDÃO, 2001, p. 199) – como aliás o velho mendicante do conto de Saramago<sup>11</sup>; até, por fim, alcançar o interior de um dos casebres, que não são barracas de tábuas mas, em semelhança, "cabanas nuas, lares rotos" (BRANDÃO, 2001, p. 200). Já na narrativa de meados do século XX, descreve-se o espaço de extrema carência sob poética semelhante e nessa mesma ordem, iniciando por uma visão mais ampla, a se mover pelas referências à pobreza da personagem e chegando enfim à sua morada:

As labaredas da fogueira faziam um círculo vermelho dantes das barracas. Para lá, a noite. De um lado o campo; do outro, a cidade. Na linha da fronteira, no círculo encantado do fogo, as barracas. Tábuas carunchosas, serapilheiras.

Uma mulher chegou pelo caminho pedregoso. À cabeça trazia uma lata cheia de água. Do lado de fora a lata mostrava ainda a marca e o nome do óleo americano a que servira. A mulher pousou a carga no chão e entrou na barraca maior. Para isso teve de baixar-se porque o telhado não ultrapassava a altura dos ombros. (SARAMAGO, 1999, p. 107-8)

Ainda há partes integrantes do trecho acima que o aproximam das cenas de Raul Brandão: a fogueira – "Sentados ao lume não falam. As brasas vão-se extinguindo como um poente" (BRANDÃO, 2001, p. 199) – ou a referência ao telhado da precária moradia – "No buraco do telhado a estrela reluz" (BRANDÃO, 2001, p. 199). A propósito, a descrição do céu também equipara as duas narrativas: "As nuvens andam a esta hora a rastro pelas encostas pedregosas [como *pedregoso* é o caminho da mulher no conto de Saramago] dos montes" (BRANDÃO, 2001, p. 198); "A dor ara o céu cheio de estrelas" (BRANDÃO, 2001, p. 212); "No céu as nuvens passavam lentamente e começavam a brilhar as estrelas." (SARAMAGO, 1999, p. 107) – não negamos, são descrições mais gerais e não a utilizaríamos nesse cotejamento de maneira isolada, mas cremos que apoiam o conjunto. Aproximação mais certa reside na passagem em que um velho pai e a filha (que passa a se prostituir para o sustentar) conversam no instante em que ela leva vinho azedo e quente do meretrício para ele: são Sofia e o Gebo, o clássico personagem brandiano que também vive de esmolas e que, aliás, é "pícaro e roto" (BRANDÃO, 2001, p. 31), como o velho do conto saramaguiano por vezes também parece ser, com seu "sorriso brejeiro na face barbada e suja" (SARAMAGO, 1999, p. 108) e a canção maldosa que entoa, que não é cântico de Natal, mas antes provocação às circunstâncias que vive a neta e viveu a filha<sup>12</sup>. O

---

11 E reparemos como os primeiros períodos desse capítulo do romance brandiano – "Natal... Está um dia fosco de neblina incerta e tristeza. Para lá as árvores despidas não bolem. A vida parou." (BRANDÃO, 2001, p. 198) – aproximam-se fortemente da paralisia que apontamos no início da crônica "Um Natal há cem anos", antes analisada.

12 O conteúdo da música cantada pelo velho de "Natal" – "Maria, minha Maria / Grandes penas te hei-de eu dar / Nem hei-de casar contigo / Nem te hei-de deixar casar" (SARAMAGO, 1999, p. 108), cujo último verso é reiterado pelo velho como motejo – se não é rigorosamente o mesmo da canção que a prostituta de "O Natal dos pobres" ameaça cantar sendo interrompida no primeiro verso – "Se vires a mulher perdida..." (BRANDÃO, 2001, p. 210) – pode ser lido, pela temática, como um sutil eufemismo deste.

conto de Saramago, aliás, como no caso do Gebo para Brandão, tem o reumático velho como o seu protagonista (arriscamo-nos a assim o definir), já que o fio da narrativa que efetivamente cursa um ciclo completo é o que acompanha o empenho da personagem mais idosa de demonstrar a sua pertinência no círculo familiar (como leitor eficiente do mundo, como provedor de algo portanto ainda que não financeiramente) e de afinal vencer as resistências impacientes da filha (numa relação humana construída com habilidade pelo jovem autor, muito mais pelo que não se narra ou diz) e ser ouvido e creditado por ela na sabedoria que ainda teria<sup>13</sup> – o mesmo anseio, é curioso notar, na antípoda etária, do menino de “Um Natal há cem anos”. As cenas de Raul Brandão, com seu discurso lírico-melancólico, não se reproduzem dessa maneira na poética, aqui, mais ecocômica de Saramago, mas há tantos elementos a se cruzarem que a influência parece pertinente. Quiçá seja tal referência, ou essa orientação de fazer do mencionado capítulo de *Os pobres* uma espécie de palimpsesto seu, o que ratifique o conto de Saramago, uma vez mais, como uma efetiva narrativa acerca do Natal – natalino nunca, nenhum dos textos que aqui trouxemos o são genuinamente. Tudo isso, óbvio está, paira apenas como hipótese, mas foi nesse sentido que, a este nosso presente texto, chamamos ensaio.

E devíamos seguir para o seu fim mas uma diferença entre as duas narrativas merece ser analisada. O cenário de Raul Brandão, ainda de aspecto mais rural, é circundado por um rio, “um grande rio envolto que nunca cessa de correr” (BRANDÃO, 2001, p. 198), com que a narrativa compara as infelizes personagens: “Os pobres são como os rios. Estancam a sede da terra, fazem inchar as raízes e crescer as árvores; acarretam; moem o pão nos moinhos.” (BRANDÃO, 2001, p. 199-200) Nesse entrelugar limitado pela cidade e pelo campo que é o esquecido subúrbio dos anos 1940 que Saramago desenha no *círculo vermelho das labaredas da fogueira*, a imagem do rio é substituída pela da linha do comboio: “Os postes do telégrafo que ladeavam a via férrea desenhavam-se com uma nitidez de gravura a buril contra o fundo cinzento do céu” (SARAMAGO, 1999, p. 107). Com isso, um impossível paralelo fica por fazer porque esses *pobres*, quase meio século à frente dos de Brandão, serão na sociedade vigente tão incomparáveis com o artefato veloz e moderno e mecanizado que substitui o curso de água natural da narrativa anterior que o resultado só pode mesmo ser uma exclusão social ainda mais definitiva – como no homem reificado pelo humanizado automóvel de “Embargo” – e a citada lata com que a mulher carrega água, que servira à indústria de óleo americana mas não a ela que não teve acesso ao produto, e serve agora à função de substituir precariamente o rio que aqui não aparece mais correndo, simboliza precisamente essa supressão humana como resultante da lógica de um progressismo capitalista que ignora as pessoas.<sup>14</sup>

---

13 E o narrador conclui o texto cúmplice do pensamento do protagonista: “Não era tão doido como diziam ou, se o era, via mais com os olhos da doidice que os outros com todo o juízo que tinham.” (SARAMAGO, 1999, p. 115) – o que é até um final feliz, embora possível talvez apenas nessa minimalização.

14 Outro fator aproxima os signos *rio* e *via férrea*: no romance de Raul Brandão, o espaço será recorrente alternativa para o suicídio – “Já me tinha deitado ao rio se não fossem os meus filhos” (BRANDÃO, 2001, p. 205), diz uma personagem numa das muitas passagens que invocam dramaticamente o método – do mesmo modo que a estrada do comboio servirá à ameaça do velho, embora sem a mesma verdade e num tom de evidente galhofa, não mais dramático mas dramatizado: “Está bom, está. Não posso cantar, não posso rir. Qualquer dia meto-me debaixo do comboio. E há-de ser a cantar... Olé!” (SARAMAGO, 1999, p. 109)

O conto, por fim, está repleto de elipses em seu enredo e quase tudo fica por dizer – como aliás cabe aos bons contos. Mas, se o encaramos de fato como um texto à roda do Natal, segundo promete (ou finge prometer) o seu título, será preciso recuperar a narrativa original natalina para compreendermos certas categorias que ali se instalam. Referimos agora não a Brandão nem tampouco a Dickens, mas a narrativa bíblica de Maria de Nazaré, mulher grávida de um filho cujo pai (Deus) a sociedade da época desconhece (como ocorre com as figuras femininas no texto de Saramago em pauta), no caso da personagem das Sagradas Escrituras substituído aos olhos da comunidade pelo esposo José. Aqui não há, porém, um José que cumpra esse papel, restando apenas o pai incógnito, que ronda as hipóteses de mãe e avô e cuja existência se evidencia apenas pelo que a jovem carrega a lha crescer no ventre. Ao que tudo indica, o filho teria mesmo como pai incógnito o estranho vizinho que o velho desconfia viver de roubos ou através de qualquer outra forma mais escusa. Se tudo isso se confirma, estamos diante de uma das mais antigas heresias saramaguianas (das muitas que marcam a sua obra) porque, nesse caso, Deus será então equiparado a um contraventor, a um ladrão.

### **Epifania**

E, haja vista a realidade dura que cerca as personagens dos contos sobre o Natal (contos de *anti-Natal*) que aqui trouxemos, talvez, nesse caso, esteja mesmo todo o universo literário que no presente ensaio despregamos, em que o *Natal alegre não é escrito* porque impossível, sob a égide de um deus ladrão.

### **Referências**

AGUALUSA, José Eduardo. **Fronteiras perdidas - contos para viajar**. Alfragide: Dom Quixote-Leya, 1999.

AGUILERA, Fernando Gómez. **José Saramago: a consistência dos sonhos - cronobiografia**. Lisboa: Caminho, 2008.

ALMEIDA, Fialho de. **O país das uvas**. São Paulo: Três, 1973.

ASSIS, Machado de. **Páginas recolhidas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Disponível online em: [digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4785](http://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4785). Última visualização: 15/12/2020.

BRANDÃO, Raul. **Os pobres**. Projecto Vercial, 2001. Disponível online em: [dominiopublico.gov.br/download/texto/pv000002.pdf](http://dominiopublico.gov.br/download/texto/pv000002.pdf). Última visualização: 15/12/2020.

CÂNDIDO, Guida. **Cinco séculos à mesa - 50 receitas com História**. Alfragide: Dom Quixote-Leya, 2016.

CARVALHO, Maria Judite de. **Tanta gente, Mariana**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1988.

DICKENS, Charles. **A Christmas Carol**. Morgantown: Tole Publishing, 2020.

FARIA, Duarte. **Metamorfoses do fantástico na obra de José Régio**. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

FARIA, Maria Luísa Leal de. "A invenção do Natal". **Gaudium Sciendi**. Lisboa, UCP, n.5, 2013, p.91-103.

LISBOA, Eugénio. "Os antinatais de Jorge de Sena". **As vinte e cinco notas do texto**. Lisboa: IN-CM, 1987, p.45-50.

MENDES, Miguel Gonçalves. **José e Pilar - os dias de José Saramago e Pilar Del Río**. Portugal: JumpCut; El Deseo; 02 Filmes, 2010.

MIGUÉIS, José Rodrigues. "O conto alegre de Natal que não escrevi". **Diário de Lisboa**. Lisboa, 24 dez. 1966. Magazine, p.3. Disponível online em: [casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06573.111.20938#!35](http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06573.111.20938#!35). Última visualização: 15/12/2020.

MOURA, Vasco Graça (org.). **Gloria in excelsis: histórias portuguesas de Natal**. Porto: Público, 2003.

RÉGIO, José. **Obra completa - contos e novelas**. Lisboa: IN-CM, 2000.

RODRIGUES, Urbano Tavares. **A última colina**. Alfragide: Dom Quixote-Leya, 2008

SANTOS, Gilda. "Espreitando uma correspondência inédita: Jorge de Sena/José Saramago". **Ipotesi - Revista de Estudos Literários**. Juiz de Fora, UFJF, v.15, n.1, 2011, p.225-33.

SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante**. Lisboa: Caminho, 1986.

-----. **Claraboia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

-----. **Deste mundo e do outro**. Lisboa: Caminho, 1997.

-----. "Natal". **Colóquio/Letras**. Transcrição: Maria Jorge. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, n.151/152, 1999, p.107-15. Disponível online em: [coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=151&p=107&o=p](http://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=151&p=107&o=p). Última visualização: 15/12/2020.

-----. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

-----. **Os poemas possíveis**. Lisboa: Caminho, 1998.

SENA, Jorge de. **Antigas e novas andanças do Demónio**. Lisboa: Edições 70, 1989.

-----. **Quarenta anos de servidão**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.



-----. **Poesia II**. Lisboa: Edições 70, 1988.

SOARES, Marcelo Pacheco. "Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*: o Pastor de ovelhas negras". **Metamorfozes**. Lisboa/Rio de Janeiro, Caminho, n.6, 2005, p.203-12.

-----. "O monstro embargado: metamorfose kafkiana em um conto de José Saramago". **Outra Travessia**. Florianópolis, UFSC, n.22, 2016, p.139-59. Disponível online em: [periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2016n22p139/pdf](http://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2016n22p139/pdf). Última visualização: 15/12/2020.

-----. "O Natal, a alquimia, o tempo, e o espírito. Um (neo)fantástico conto de Jorge de Sena". **E-Letras Com Vida**. Lisboa, UL, n.3, 2019, p.65-79. Disponível online em: [e-lcv.online/index.php/revista/article/view/56/65](http://e-lcv.online/index.php/revista/article/view/56/65). Última visualização: 15/12/2020.

-----. "O Pastor peregrino: um andante diabólico pelos romances de José Saramago". **Todas as Musas**. São Paulo, Todas as Musas, v.11, n.2, 2020, p.98-105. Disponível online em: [marcacini.com.br/seer/index.php/guavira/article/view/777/552](http://marcacini.com.br/seer/index.php/guavira/article/view/777/552). Última visualização: 15/12/2020.

-----. "'Também se aprende com o diabo' - análise do personagem Pastor em **O Evangelho segundo Jesus Cristo**, de José Saramago". Guavira, Três Lagoas, UFMS, v.15, n.29, 2019, p.21-32. Disponível online em: [todasasmusas.com.br/22Marcelo\\_Pacheco.pdf](http://todasasmusas.com.br/22Marcelo_Pacheco.pdf). Última visualização: 15/12/2020.

TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.